

TEATRO  
NACIONAL  
S. JOÃO



TEATRO SÃO JOÃO  
23—26 JAN 2025

# A Colónia

direção e dramaturgia

## Marco Martins

qui+sáb 19:00  
sex 21:00  
dom 16:00

a partir de uma reportagem de **Joana Pereira Bastos**, documentos e testemunhos de todo o elenco e obras de **Bertolt Brecht**, **Czeslaw Miłosz**, **Deborah Levy**, **Filippo Marinetti**, **Gonçalo M. Tavares**, **Jean-Luc Godard**/**Anne-Marie Miéville**, **Slavoj Žižek**, **William Shakespeare**

com  
**Manuela Canais Rocha**  
**Conceição Lopes**  
**Conceição Matos**  
**Domingos Abrantes**  
**Humberto Candeias**  
**Olga Sequeira Santos**  
**Rita Veloso**  
**Valentina Marcelino**

e **João Pedro Vaz**  
**Sara Carinhãs**  
**Ana Vilaça**  
**Rodrigo Tomás**

e **Anderson Ramos**  
**Arthur Lupi**  
**Beatriz Ribeiro**  
**Diana Soares**  
**Inês Paulino**  
**Joaquim Queiroz**  
**Laura Trueb**  
**Leonardo Martins**  
**Lurdes Ferraz**  
**Milena Mavie**  
**Niurka Sacramento**  
**Pedro Conceição**

assistência de encenação e apoio à dramaturgia  
**Rita Quelhas**

pesquisa e apoio à assistência de encenação  
**Gaspar Nascimento**

pesquisa Torre do Tombo  
**Gaspar Nascimento**  
**Joana Pereira Bastos**  
**Mariana Brandão**

PIDE/DGS – Registo Geral de Presos, imagens cedidas pelo Arquivo Nacional Torre do Tombo

música  
**B-Fachada**  
**João Pimenta Gomes**

desenho de luz  
**Nuno Meira**

cenografia  
**Isabel Cordovil**  
**João Romão (xxxii.studio)**

acompanhamento de projeto, construção de cenário e mecenato  
**Artworks**

sonoplastia e operação de som  
**Vítor Santos**

direção técnica  
**Pedro Moreira**

movimento  
**Vânia Rovisco**

apoio ao movimento  
**Hugo Marmelada**

manipulação de objetos  
**Luís Vieira**  
**Rute Ribeiro**

stand-in  
**Guilherme Arabolaza**

casting crianças  
**Zé Pires**

a partir de uma ideia de **Marco Martins** e **Renzo Barsotti**

música e artes de palco RTP  
**Isabel Roma**

realização RTP  
**Igor Martins**

videografia RTP  
**Adelino Nogueira**  
**Vítor Manuel Esteves**

montagem RTP  
**Rui Pedro Nascimento**

fotografia  
**José Pedro Cortes**  
**Tomás Vieira**

filmagem  
**Tomás Vieira**

teasers  
**Henrique Prudêncio**  
**Rita Quelhas**

imagens do filme 48 gentilmente cedidas por **Susana de Sousa Dias**/**Kintop**

design brochura  
**Atelier Pedro Falcão**

administração Arena  
**Marta Delgado Martins**

produção executiva  
**Joana Goldschmidt**

assistente de coordenação de ensaios  
**Daniel Borga**

coordenação e direção de produção  
**Mariana Brandão**

produção  
**Arena Ensemble**

coprodução  
**Culturgest**  
**RTP – Rádio e Televisão de Portugal**  
**Teatro Nacional São João**

apoio  
**Auditório Municipal**  
**Augusto Cabrita/Câmara Municipal do Barreiro**

### Agradecimentos

**Aida Rechena** – Museu Nacional Resistência e Liberdade, **Ana Pedro**, **Anna Eremin**, **António Maldonado Freitas**, **Associação Lopes-Graça**, **Casa Pia de Lisboa**, **Cristina Nogueira**, **Escola Secundária de Camões**, **Escola Secundária Padre António Vieira**, **Elsa Pedro**, **Francisco Fanhais**, **Joana Carneiro Reis**, **Jorge Epifânio**, **Lyudmila Putilo**, **José Tavares Marcelino**, **Manuel Maria Candeias**, **Manuela Bernardino**, **Maria Almeida Nani**, **Maria José Matos**, **Margarida Lisboa**, **Ministério dos Filmes**, **Ofélia Sequeira Santos**, **Polo Cultural Gaivotas/Boavista**, **Rita Rato** – Museu do Aljube Resistência e Liberdade, **Teresa Dias Coelho**

estreia 5 Dez 2024  
**Culturgest (Lisboa)**

dur. aprox. 2:00  
M/14 anos

Conversa com  
a Constança 25 jan

## Confo em ti para contar esta história?

MARCO MARTINS

Em Agosto de 1972, durante os últimos anos do Estado Novo, realizou-se nas Caldas da Rainha uma inédita Colónia de Férias para filhos de presos políticos. Aqui, durante duas semanas, 18 crianças entre os 7 e os 14 anos, brutalmente marcadas pela prisão dos pais e com um passado de clandestinidade, sofrimento e solidão, viveram pela primeira vez numa pequena bolha de liberdade.

Personagens secundárias e esquecidas da história, a infância destas crianças traduz, com implacável clareza, a forma violenta como o Estado Novo condicionou a vida dos seus cidadãos, e em particular a destas crianças, obrigadas a viver escondidas e longe das famílias.

A partir de um artigo de Joana Pereira Bastos no jornal *Expresso*, construí o espectáculo em diálogo com os protagonistas desta história, partindo de uma intensa pesquisa dos seus arquivos pessoais, bem como da documentação disponível na Torre do Tombo. Chamo-lhe pesquisa, mas na verdade devia chamar-lhe trabalho sobre a memória, ou criação de memória, a partir de pessoas secundarizadas ou desvalorizadas social e historicamente. As fotografias, cartas e desenhos, vindos da clandestinidade ou trocados na prisão, abrem peculiares e valiosas possibilidades de transmissão, em que se foca a vivência face ao documento e ao individual, para o articular com o colectivo, iluminando uma outra dimensão da nossa história comum.

O processo de ensaios decorreu assim em paralelo com a escrita da própria peça, e na transmissão directa dos testemunhos das crianças da Colónia aos actores e jovens das escolas e instituições envolvidas.

Concebi o cenário em dois níveis sobrepostos e a dramaturgia em diversos tempos coexistentes, também porque cinquenta anos depois do 25 de Abril parece ser necessário chamar a atenção para este período particular, não apenas enquanto relato, mas atentando às suas repercussões, agora e no futuro. Num tempo em que assistimos por toda a Europa a um progressivo regresso de totalitarismos e fascismos, que julgávamos uma ameaça distante, pareceu-me

fundamental a construção de um espectáculo que recuperasse a memória – sempre rizomática e misteriosa – de pessoas que viveram tolhidas e silenciadas pela repressão.

Contar é lembrar e *A Colónia* é a nossa história, que com muito gosto trazemos agora ao Porto. Sabemos que é fundamental continuar. Em quem confiamos para o fazer?

*Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.*

## Algumas notas sobre *A Colónia*

MATILDE CAMPILHO\*

### O jogo

Brincar é, tantas vezes, coisa de grupo. O gesto de cada criança é único, mas aponta para inscrever-se no círculo comum. Na brincadeira em rancho está o princípio da comunidade e do clã. Brinca-se em equipa, em corpo unido, em todos contra todos. 1, 2, 3; 1, 2, 3: salta-se ao elástico com amigos e amigas. Ou: *Um dó li tá, quem está livre-livre está* – e começa a apanhada, com cada um a acelerar para seu lado. E ainda: *Quem diz é quem é, o teu pai é jacaré*, diz a miúda ao miúdo. *Aqui vai o lenço, aqui fica o lenço*, e as crianças estão sentadas em roda, enquanto uma delas circunda as outras, cantando. Uma criança arrasta a ponta de um pé no chão, com força, rasgando na terra um caminho: constrói uma pista para o berlinde. Pode jogar sozinho, mas assim jamais terá o privilégio de ganhar o abafador. Há de chamar um amigo para avançar com ele na pista, há de chamá-lo nem que seja para o vencer. Claro que os miúdos podem brincar sozinhos, e brincam. É um favor que se faz à imaginação e à vida oculta. Mas os miúdos também brincam juntos – o jogo pelo jogo, num movimento lúdico que é comum aos homens e aos animais. Como lembrou Johan Huizinga em *Homo Ludens*, os bichos não esperaram pelos homens para serem ensinados a brincar. O jogo é coisa inata, comum à maioria das espécies, e é ao mesmo tempo treino social e gesto de alegria. *Congela!*, diz uma menina ao grupo que corre, e logo todos param em estátua. Na Grécia, aliás, este jogo chama-se “Estátuas”; na Áustria,



é conhecido como “Trovão, tempo, relâmpago”. Existem muitos nomes para as mesmas brincadeiras. A língua do jogo é uma língua comum. Que é livre, e que não é vedada – a não ser quando é.

### **O mergulho**

O nadador põe a cabeça debaixo de água e quando lá está não consegue ouvir nada com clareza. Vê também menos do que gostaria de ver. Mas vê o suficiente para manter-se em ação. Por outro lado, ninguém o vê. Nalguns dias, ou em certos tempos, isso é o que mais importa – nadar sem se ser visto. Quando à superfície se é perseguido, o melhor é submergir. Manter-se abaixo da linha de água e do segredo, tornar os próprios gestos mais lentos, quase mudos, para que não sejam detetados. Se o nadador ou a nadadora são perseguidos à tona, levam para a submersão só o que lhes é mais precioso – os seus filhos que já nasceram, os que estão por nascer. Porque alguns nascem filhos dos submersos. Os secretos filhos dos secretos. Uns e outros ficam escondidos juntos, o tempo que for preciso. Mergulha-se para

ser-se privado. Mergulha-se para que todos se mantenham protegidos, e juntos. Os submersos, porém, ficam longe de quase todas as brincadeiras, especialmente as que se brincam em grupo. Uma criança que é da vida secreta, muitas vezes não reconhece outra criança, e muito menos é reconhecida.

### **A memória**

Há pessoas que não sabem ao certo em que dia nasceram. Outras, por muitos anos, não chegaram a saber o nome verdadeiro da mãe ou o nome verdadeiro do pai. Alguns, enquanto crianças, apenas conheceram irmãos pela palavra *irmão*, ou pela palavra *bebé*. Ditaduras dissolvem jogos, misturam datas, e também arrancam nomes. Certos bebés, mesmo estando sempre próximos dos pais, não puderam ser registados – sendo assim considerados *ilegais*. Para algumas crianças, o primeiro documento de identidade foi o cartão de visita da prisão. Iam visitar os pais, que agora tinham um nome novo, diferente daquele que aos filhos era familiar. Tiranhas deturpam a palavra, e fazem por confundir a

memória, numa tentativa de invalidar recordações. Contra a invalidação e contra a morte, escreveram-se cartas. Fizeram-se desenhos. Montaram-se castelos de pão e laranja emelas húmidas. Escreveram-se páginas e páginas de diários. Contaram-se muitas histórias, sobre pessoas reais e imaginárias. Falou-se do dia a dia e falou-se do tempo antigo, e falou-se muito de um futuro que acabaria por chegar. Registo, rememoração e resistência.

### **A solidão**

Uma criança que tem os pais presos, ou desaparecidos, vai morar com os avós. A criança nunca conhecera os seus avós, a criança aliás jamais havia visto um rosto que fosse velho. A criança também não conhecia os rostos de outras crianças. A criança só conhecia os pais. Agora a criança pode ver tantos velhos, e por vezes outras crianças. Quer brincar, mas não sabe como. Já não conhece muito bem a alegria, e não conhece o gesto grupal. Conhece bastante mal a rua: para a criança, atravessar uma rua ou uma cidade era até ali sinal de fuga, de *passagem* noturna. Era uma criança que estava habituada a que o espaço livre fosse a casa, a que a rua fosse um túnel. A criança quer falar e contar histórias de espaços distintos e de línguas privadas, mas a sua voz é calada pelas vozes de adultos que temem o rumor e o som de certas crianças. São adultos que temem o mistério, e temem uma outra realidade que talvez possa existir. À criança parece-lhe ser ela a única criança no mundo, e faz silêncio.

### **Uma certa alegria**

Em julho de 1972, nas Caldas da Rainha, 18 crianças – entre os 3 e os 14 anos – encontraram-se no mesmo casarão para lá passarem duas semanas de férias. Ali, cada um descobriu existirem crianças como eles, que conheciam as mesmas andanças, sustos semelhantes, muitas vezes os mesmos gestos. De uma forma ou de outra, eram todos crianças que sabiam línguas secretas, e todos crianças que conheciam a palavra saudade. No casarão das Caldas da Rainha, devagar, podiam começar a descansar de ter medo. Podiam inclusive descansar da solidão. Finalmente, as crianças puderam brincar juntas. Deram passeios de burro, fizeram caças

ao tesouro; perseguiram-se uns aos outros no parque; pintaram desenhos nos papéis, que a pouco e pouco foram ganhando cores mais fortes; escreveram cartas; puseram fantoches nas mãos e viram esses mesmos fantoches ganharem vida nas histórias alegres que os monitores lhes contavam. Puderam perceber uma espécie de segurança. Passearam juntos, e juntos apontaram para as grades ao longe, sem que ninguém lhes impedisse os gestos. Fizeram fogueiras e cantaram em volta delas. As canções confidenciais que todos conheciam, e que, durante aqueles dias alegres, puderam cantar alto. Tão alto, que acreditaram chegar ao lado de lá do mar – para lá da vida absurda, para lá da vida enclausurada.

### **Teatro como jogo, mergulho e memória**

É num palco que o trocar dos nomes acha o seu terreno fértil. Aqui é que as caras se confundem, por vezes submergidas, outras vezes à mostra entre a ramagem, com queixo alto e orelhas levantadas. *Que é para te ouvir melhor.* Falam-se várias línguas, que são de criança e são de adulto – nem todas as palavras se percebem, quase sempre se reconhecem. Trocam-se as profissões, os casacos e sapatos, simulam-se os rumores. Escutam-se os textos diarísticos, as cartas, excertos de escritores de muitos países e de histórias diferentes. Entram, no mesmo espaço, rostos velhos e muito novos. Há fotografias e há presenças físicas em movimento: todos os corpos – vivos, mortos, ficcionais – são verdadeiros. Há o canto em coro e o canto único, invertendo-se por vezes os papéis que é costume ocuparem em cena. Num plano, a juventude, a sua intenção; noutra, encenação. E vice-versa, como se um palco fosse um espaço duplo. Joga-se muito. A ficção alia-se à verdade dita alto, faz por fazer frente à violência, e as tábuas do chão são achas na fogueira da memória. Contra a morte, contra o desterro, contra o interromper do jogo em rancho. *Quem está livre, livre está.*

\* Escritora.

produção executiva  
**Alexandra Novo**

direção de palco  
**Emanuel Pina**

adjunto do diretor de palco  
**Filipe Silva**

direção de cena  
**Pedro Guimarães**

luz  
**Filipe Pinheiro**  
(coordenação)  
**Adão Gonçalves**  
**Alexandre Vieira**  
**José Rodrigues**  
**Marcelo Ribeiro**  
**Nuno Gonçalves**

maquinaria  
**Filipe Silva**  
(coordenação)  
**António Quaresma**  
**Carlos Barbosa**  
**Joel Santos**  
**Jorge Silva**  
**Nuno Guedes**  
**Paulo Ferreira**  
**Telma Moreira**

som  
**Joel Azevedo**  
(coordenação)  
**António Bica**  
**João Pedro Soares**

vídeo  
**Fernando Costa**

### Agradecimentos

Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição  
**Teatro Nacional São João**

coordenação  
**Rui Manuel Amaral**

design gráfico  
**João Faria / Drop**

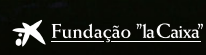
impressão  
**Mota & Ferreira, Lda.**

Não é permitido filmar,  
gravar ou fotografar durante  
o espetáculo. O uso de  
telemóveis e outros dispositi-  
vos eletrónicos é incómodo,  
tanto para os intérpretes  
como para os espectadores.

### Apoio



COMBOIOS DE PORTUGAL



Com o apoio de: